

Vitória da atenção farmacêutica

Entre as modalidades do Prêmio Racine, uma valoriza a atenção farmacêutica

Foi entregue, em julho, durante a abertura da 10ª Semana Racine de Atualização Técnica em Farmácia, o 3º Prêmio Racine. Trata-se de uma iniciativa de repercussão nacional em

tre o segmento farmacêutico, que visa a distinguir ações de valor, na área da saúde, com destaque para exemplos aplicáveis de sucesso empresarial e cidadania.

os vencedores

FARMÁCIAS	CIDADE	TRABALHO
Artpharma	Jundiaí/SP	"A Busca pela Qualidade Total com Crescimento Sustentado"
Caminhoá	Rio de Janeiro/RJ	"Implantação e Divulgação de um Conceito de Excelência em Farmácia com Manipulação"
Dermage	Rio de Janeiro/RJ	"Verão Saudável"
Dermus	Florianópolis/SC	"Geração Prevenção"
Farmácia Central	João Monlevade/MG	"Atenção Farmacêutica em Farmácia Privada"
Imafar	Vitória/ES	"Uma Empresa-cidadã"
Naturativa	Rio de Janeiro/RJ	"Qualidade em Constante Evolução"
Personallis	Lajeado/RS	"Iniciativa Empresarial"
Set Fórmulas	Sete Lagoas/MG	"Criança Saudável é Criança Feliz"

FACULDADE	CIDADE	TRABALHO
Universidade Federal de Goiás	Goiânia/GO	"Farmácia-Escola"

ACADÊMICO	CIDADE	TRABALHO
Ricardo Ferreira Nantes	Campo Grande/MS	"Assistência Farmacêutica: mais que projetos e trabalhos, amor à profissão"

Novo enfoque na relação paciente-farmacêutico

Pioneira em sua região, em diversos serviços, a Farmácia Central de João Monlevade (MG) demonstrou, com a sua vitória no Prêmio Racine, que não é necessário gigantismo para implantar um programa qualificado de atenção farmacêutica. Coordenadas pela farmacêutica Josélia Cintya Q. Pena Frade, as ações da Central que visam à conscientização do paciente garantiram à farmácia, de João e Maria da Consolação Machado, um papel de destaque em sua comunidade, incluindo o reconhecimento de governantes e da classe médica.

O trabalho apresentado ao júri do Prêmio Racine descreveu as principais atividades de assistência farmacêutica desenvolvidas, na Farmácia Central. Segundo a farmacêutica proprietária Maria da Consolação, foi priorizada a atenção farmacêutica, porque se acredita que este procedimento resulte no compromisso real do farmacêutico com a qualidade de vida do paciente. "Consideramos que as doenças crônicas representam um importante problema de saúde pública e decidimos desenvolver um projeto de educação em saúde para nossos clientes", confirma ela.

Maria da Consolação dedicou o Prêmio a todos os farmacêuticos, mesmo aqueles mais isolados. "Sendo a Farmácia Central de uma cidade de pequeno porte, esta é a mostra de que o tamanho da empresa não é fundamental para prestarmos a assistência farmacêutica, nem tampouco para ganhar este Prêmio", disse ela, ao receber o troféu, ao lado de sua equipe.

Campanhas - As campanhas da Farmácia Central envolveram sempre parcerias com laboratórios farmacêuticos. Na I Campanha de Diabetes, o apoio veio do Laboratório Eli Lilly, que facilitou a aquisição de glicosímetro aos portadores de diabetes e médicos. A cada frasco de tiras com 25 unidades adquirido pelo cliente, este recebia, de graça, o glicosímetro. Quase 500 pessoas participaram da campanha, que ocorreu, em três dias. As dosagens foram feitas, nas três unidades da Farmácia Central. Com cartazes e faixas, a empresa providenciou a divulgação, que ainda contou com folhetos educativos e circular para médicos, entre outros materiais.

A equipe foi treinada sobre os aspectos da doença. Após as dosagens,



Farmácia Central, o pólo irradiador da atenção farmacêutica em João Monlevade (MG)

todos os pacientes com glicemia alterada conversavam com a farmacêutica, que prestava a orientação necessária e divulgava o projeto de acompanhamento a ser realizado na própria farmácia.

Para a Campanha de Hipertensão, que durou quatro dias, a divulgação foi realizada, através de circular para os médicos. Eles foram informados de que os clientes que participassem da campanha receberiam informações sobre a importância de visitar o médico. A linha de produtos manipulados na área cardiovascular mereceu destaque em propagandas e entrevistas, na rádio local. A farmácia divulgou seus serviços na manipulação de produtos de princípios ativos antide-

pressivos e fez parceria com os laboratórios Prodome, Pfizer, Boehringer, Farmasa e Keito.

No desenvolvimento da Campanha do Colesterol, de três dias, a Farmácia Central destacou sua linha de produtos manipulados e industrializados. Uma intensa divulgação levou 570 pessoas a participar da iniciativa. Detectou-se que, entre elas, apenas quatro pacientes com colesterol capilar acima de 240 mg/dl estavam utilizando medicamentos. A maioria deles não tinha qualquer informação sobre hábitos de vida saudáveis, que podem contribuir para a normalização do

exame, e prevenção de complicações causadas pelo excesso de colesterol no organismo.

Uma outra ação sobre diabetes serviu de suporte para a realização de um trabalho de acompanhamento dos pacientes. Os que apresentaram glicemia capilar maior ou igual a 126 mg/dl foram convidados a participar de um acompanhamento terapêutico.

No Centro de Estudos de João Monlevade, a Farmácia Central realizou o Curso de Atualização em Diabetes Mellitus. Compareceram 400 pessoas, sendo que 58% eram portadoras da do-

ença, 20% eram familiares e 22% eram profissionais e estudantes de enfermagem.

Realizada, em abril deste ano, a Campanha da Asma foi um dos mais importantes eventos criados pela Farmácia Central. Envolveu testes e avaliação de função pulmonar, além de palestras distintas dirigidas a médicos e pacientes. Quase 300 pessoas participaram, graças a um mais intenso programa de divulgação. Após o evento, foi registrado um considerável aumento das vendas de produtos para o tratamento da asma e doenças associadas.

ENTREVISTA / JOSÉLIA FRADE

GENTE QUE VIRA A MESA

Por Aloísio Brandão,
Editor de PHARMACIA BRASILEIRA

Josélia Frade acabara de se formar e partira para realizar o grande sonho de sua vida: atuar em farmácia clínica e desenvolver um projeto de atenção farmacêutica que envolvesse a comunidade, os Poderes locais e transformasse a saúde do lugar. Deu certo.

Mais que uma palavra da moda (ou que está entrando na moda), a atenção farmacêutica é a palavra de ordem. Da ordem farmacêutica. Já se disse que a atenção, a alma da farmácia clínica, desafoga a assistência médica e barateia os custos dos sistemas público e privado com o medicamento e a área médica, em geral. Falou-se, também, do quanto ela representa de segurança para o usuário do medicamento. Mas, além desses atributos, ela, literalmente, pode “virar a mesa” (no melhor sentido da palavra) da saúde, em uma comunidade. A PHARMACIA BRASILEIRA entrevistou uma farmacêutica que virou a mesa. Josélia Cintya Quintão Pena Frade havia se formado em Farmácia, na Universidade Federal de Ouro Preto, e, dois meses depois, foi assumir a responsabilidade técnica da Farmácia Central, em João Monlevade, no interior de Minas. E que responsabilidade! Corajosa e criativa, a farmacêutica encontrou, exatamente nas dificuldades que compunham o quadro da saúde daquela cidade de 65 mil habitantes, não o desânimo, mas o clima ideal para enfrentar o grande desafio de sua vida e que, a um só tempo, era o sonho que sempre acalentara: implantar um projeto de atenção farmacêutica que envolvesse a população e os Poderes públicos de um lugar. Más tinha que ser algo ousado, bem ao gosto de sua inquietação. Começou como um trabalho de formiga. Em pouco tempo, a Dr^a Josélia Frade já estava nas ruas, em passeatas com mais de mil diabé-

uticos e hipertensos, chamando a atenção para a necessidade de prevenção das doenças e de controlá-las, por exemplo, através da prática de esportes. Josélia passou ainda a fazer palestras para diabéticos, hipertensos e suas famílias, já a convite do SUS e da Prefeitura Municipal, quando não estava na própria farmácia em que trabalha, diante de uma multidão atrás de sua orientação e da de seus colegas farmacêuticos. Acabou virando referência em diabetes e hipertensão, na cidade. Ela deu um outro enfoque à relação paciente-medicamento-farmacêutico e tirou lições fundas dessa sua experiência, que a revista PHARMACIA BRASILEIRA gostaria de passar aos leitores farmacêuticos e estudantes. Uma dessas lições é a de que o farmacêutico não deve ter medo ou receio de assumir uma atividade dessa envergadura. “Nós temos competência para isso”, explica. Josélia Frade, depois, fez especializações em Farmácia Clínica, no Chile, e em Saúde Pública (área de concentração de medicamentos), no Brasil. A coroação do trabalho da farmacêutica veio com a conquista de uma das modalidades do Prêmio Racine. Bem leitor, o resto desta bem sucedida história de atenção farmacêutica você verá, lendo esta entrevista.

PHARMACIA BRASILEIRA - O Brasil está cheio de exemplos do quanto a atenção farmacêutica é capaz de transformar para melhor a realidade da saúde de uma comunidade. A senhora própria é um grande exemplo. Poderia falar de sua experiência?

Josélia Frade - A minha experi-

ência comprovou que o poder de transformação da atenção farmacêutica é mesmo real. Eu moro em João Monlevade, uma cidade de 65.000 habitantes, no interior de Minas Gerais, a 107 quilômetros de Belo Horizonte. Para você ter uma idéia do atendimento ao diabético por especialista, na cidade, somente há

pouco tempo, um endocrinologista passou a atender, semanalmente, no setor privado.

Quando eu cheguei, em João Monlevade, em 1997, para trabalhar na Farmácia Central, uma empresa privada que atende cerca de 20 mil clientes, ao mês, já tinha uma profunda vontade de atuar no



Josélia Frade: atenção farmacêutica na alma



Pacientes vão à farmácia para avaliação da taxa de glicose

segmento de farmácia clínica. Porém, não havia nenhum exemplo por perto para me respaldar. Resultado: tive que estudar sozinha e fui incentivada pela farmacêutica proprietária do estabelecimento, Maria da Consolação Machado.

E por que tudo isso? Porque que eu sempre achei que deveria me diferenciar do balconista e, também, porque sempre gostei desse contato direto com o usuário do medicamento. Acima de tudo, porque via, na atenção farmacêutica, o perfil social da atividade farmacêutica.

Formei-me, em janeiro de 1997, na Ufop, em Ouro Preto, em Análises Clínicas. Quando fui trabalhar, na Farmácia Central, dois meses após a formatura, encontrei vários kits de glicemia capilar com a validade perto de vencer. São aparelhos caros - o glicosímetro, a tira reativa, o lancetador e as lancetas. Aí, tive a idéia de fazer uma campanha de glicemia capilar, na cidade, para evitar que os aparelhos tivessem as suas validade vencidas, sem nenhuma utilidade.

A campanha deu tão certo, que envolveu aproximadamente 300 pessoas. Delas, 30% estavam com a taxa de glicose alterada. Estes pacientes foram orientados e encaminhados ao médico. Esta primeira campanha serviu como um ensaio piloto para que eu tivesse uma idéia de como seria a reação da comunidade e qual o seu nível de aceitação ao trabalho do farmacêutico.

E a aceitação foi total, de tal forma que os pacientes passaram a me ver como uma referência em diabetes, em toda a cidade. Os frutos dessa e de outras campanhas que desenvolvemos ainda estamos colhendo. Basta dizer que, logo depois da primeira campanha, eu fui convidada para acompanhar dois grupos de diabéticos, na rede pública.

Já a segunda campanha de diabetes mobilizou quase 1.000 pessoas. Os pacientes com glicemia alterada foram convidados a receber acompanhamento farmacêutico e os dados resultantes deste

acompanhamento foram apresentados, em forma de monografia, como trabalho final do curso de especialização. A aceitação da população ao nosso trabalho foi crescendo, a partir do momento em que as campanhas mostravam a sua eficácia, em que provavam que eram coisas sérias e que davam certo.

As conseqüências dessas campanhas não foram verificadas apenas junto aos clientes da farmácia, diretamente. A própria Prefeitura (Departamento de Saúde) do Município também assimilou os resultados. Ela passou a normatizar o atendimento ao paciente diabético, desde a regularidade na realização de exames, frequência de consultas, treinamento de pessoal, etc., em que também pude contribuir. Fiz uma caminhada com os diabéticos, pela cidade, e isso resultou no alerta ao setor público sobre a importância da atividade física como parte do tratamento. O resultado disso é que a Prefeitura incorporou essa idéia e atualmente acontece, em vários pontos da cidade, a caminhada dos hipertensos e diabéticos.

Além do mais, a Prefeitura e a Pastoral de Saúde me convidaram para treinar auxiliares de enfermagem e agentes de saúde sobre a utilização dos aparelhos (glicosímetro) e para falar sobre a doença.

Isso tudo veio provar, junto a outras campanhas, que a atenção farmacêutica pode transformar a realidade da saúde de uma comunidade. Importa salientar que essas campanhas e os dados que levantei serviram de base para melhorar o cadastro de diabéticos do Município, o que resultou em repasses maiores de frascos de insulina para o Município, pelo Ministério da Saúde.

Aproveito para dizer que divulgamos todos os resultados dos trabalhos de atenção farmacêutica que realizamos (eu e minha equipe) junto à comunidade médica da região. Já participamos de quatro edições da Jornada Médica de João Monlevade. Ali, sempre montamos um estande para a divulgação dos nossos trabalhos de atenção farmacêutica.

A princípio, essas campanhas tinham o objetivo de demonstrar à população que a farmácia em que trabalho estava apta e empenhada em prestar serviço de atenção farmacêutica. Hoje, esses pacientes já vão, espontaneamente, à farmácia, para pedir as nossas orientações ou são encaminhados pelos médicos.

PHARMACIA BRASILEIRA - Que lição a senhora tira de todo esse trabalho?

Josélia Frade - A lição de que o farmacêutico é fundamental na equipe multiprofissional de saúde. Também, que

a atenção farmacêutica é uma arma poderosa para a saúde de uma comunidade. Além disso, é importante para o farmacêutico resgatar o seu espaço junto à sociedade. Outra lição está na constatação de que a nossa formação acadêmica nos dá base para buscar conhecimentos não transmitidos durante o período da graduação.

A gente não precisa ter medo de assumir a atenção farmacêutica, pois temos competência para isso. É muito fácil o farmacêutico não fazer nada, justificando a sua inoperância com argumentos banais, do tipo "eu não sei nada sobre esse assunto", ou "no Brasil, a legislação não permite esse trabalho". São argumentos injustificáveis.

PHARMACIA BRASILEIRA - A senhora já tinha especialização em diabetes e hipertensão?

Josélia Frade - Nenhuma. Estudava tudo sozinha e tirava as dúvidas com



Fila para receber orientação farmacêutica

os médicos e professores universitários.

PHARMACIA BRASILEIRA - Como a comunidade passou a se relacionar com a senhora, depois das campanhas?

Josélia Frade - De forma a valorizar o que estamos desenvolvendo, principalmente, porque a relação farmacêutico-paciente passa a ter um enfoque diferente. Há pacientes que falam que eu sou a segunda mãe deles, ou me comparam a algum filho. Isso é um sinal de respeito e carinho pelo nosso trabalho. Mas sempre tive o cuidado para que essa relação não atrapalhasse o que mais prezo: o papel ativo do paciente no processo saúde/doença.

PHARMACIA BRASILEIRA - Com tantos efeitos positivos, por que então trabalhos semelhantes não são desenvolvidos por outras farmácias?

Josélia Frade - Eu acho que é por desconhecimento e, também, porque o social não faz parte da filosofia das empresas. Muitas estão preocupadas exclusivamente com o lucro.

PHARMACIA BRASILEIRA - Em sua opinião, por que a atenção farmacêutica não é uma prioridade na agenda da saúde pública?

Josélia Frade - Honestamente, eu acho que algum interesse do Ministério da Saúde pela atenção farmacêutica só vai acontecer, à medida em que os resultados práticos do trabalho do farmacêutico provarem que ela (a atenção farmacêutica) é eficaz. Nós, farmacêuticos, temos que contribuir, pelo menos, para melhorar a realidade em que nós estamos inseridos.

PHARMACIA BRASILEIRA - A senhora tem buscado parcerias e apoios junto a órgãos públicos e privados?

Josélia Frade - O farmacêutico tem que buscar parceria, para realizar o seu trabalho. Sempre busquei e consegui. Devemos lembrar das associações, da Pastoral da Saúde, indústrias farmacêuticas, etc., que podem juntar os seus esforços aos esforços dos farmacêuticos, resultando em benfeitorias para a comunidade.

Como exemplo disso, realizamos um evento em que participaram 500 pessoa (um curso de atualização em diabetes para portadores e familiares) e que durou um dia inteiro. Neste evento, servimos almoço e dois lanches aos participantes. O curso foi uma parceria da Farmácia Central com a Associação Médica de João Monlevade e com a Siderúrgica Belgo-mineira, dentre outros.

PHARMACIA BRASILEIRA - Quais os principais benefícios dessas campanhas para os pacientes, para a farmácia e os seus funcionários e para os médicos da cidade, entendendo que a atenção farmacêutica desafia a assistência

médica nas ações primárias de saúde?

Josélia Frade - Os benefícios do projeto de atenção farmacêutica, para os pacientes, são: melhor adesão ao tratamento, maior conhecimento sobre sua doença e controle, maior participação do autocuidado, atendimento personalizado, detecção de efeitos adversos e sugestões para atenuá-los, menores custos na aquisição de medicamentos e outros materiais utilizados no autocuidado, através de convênio criado pela farmácia; participação ativa do processo saúde/doença, melhor qualidade de vida.

Para os funcionários da farmácia, os benefícios são: maior satisfação ao aplicar conhecimentos e habilidades, maior compromisso com a saúde da população, aperfeiçoamento contínuo, maior reconhecimento por parte dos pacientes e equipe de saúde, reconhecimento das reais capacidades do farmacêutico, crescimento profissional.

Já para a farmácia, posso citar os seguintes benefícios: maior prestígio perante profissionais e clientes, satisfação dos pacientes, motivação dos funcionários, criação de parcerias, diferenciação perante os concorrentes, oportunidade de desenvolver programas de ação social, cadastro de pacientes por doenças e medicação em uso, possibilidade de melhoramento econômico.

Para os médicos, os benefícios são: pacientes mais motivados, pacientes mais cumpridores do tratamento, atualização terapêutica, oportunidade de trabalhar em equipe.

Projetos como este devem ser aproveitados para informar a população e outros profissionais de saúde sobre as

habilidades e conhecimentos do farmacêutico, no sentido de garantir a otimização da utilização de medicamentos e o consequente controle das doenças.

Diante de todos os eventos realizados, não se tem nenhuma dúvida de que a atenção farmacêutica é uma prática eficaz para resgatarmos a nossa profissão, através da valorização do farmacêutico, enquanto profissional do medicamento. Além disso, contribuir para que as empresas que implantarem esta nova filosofia tenham clientes fiéis e consequente crescimento econômico.

PHARMACIA BRASILEIRA - Certamente, não é fácil elaborar e cumprir um projeto desse porte. A senhora pode citar as principais dificuldades que encontrou pela frente?

Josélia Frade - Inicialmente, as maiores dificuldades foram relacionadas à necessidade de treinamento e educação, visto que, durante o período universitário, este tema não foi abordado. E falta, no mercado brasileiro, especialistas no assunto. Outras dificuldades eram as instalações inadequadas e de convencimento de todos os membros da empresa, sobre a importância de um trabalho como este.

Hoje, as dificuldades são ligadas aos sistemas informáticos deficientes, falta de um protocolo padrão em todos os centros que realizam atenção farmacêutica. Vale mencionar aqui a falta de legislação específica para atenção farmacêutica que ampare o profissional a cerca de todas as atividades essenciais ao acompanhamento do paciente. Mas, depois que colhemos os frutos, as dificuldades iniciais ficam até difíceis de ser lembradas, pois fazem parte de um passado já bem distante.

GENÉRICOS

Fiocruz inaugura laboratório de farmacocinética

Laboratório é fundamental no estudo para aprovação de genéricos

O Centro de Pesquisas Hospital Evandro Chagas/Fiocruz inaugurou, dia 14 de agosto, o seu Laboratório de Farmacocinética. Entre vários outros estudos, esse laboratório está fazendo ensaios de bioequivalência dos medicamentos genéricos usados contra várias doenças. No momento, realiza testes de bioequivalência de algumas drogas utilizadas no coquetel anti-ids, em medicamentos contra tuberculose, entre outros.

O laboratório começa a operar com a capacidade de analisar, em 45 dias, até dez medicamentos, quanto aos seus aspectos de bioequivalência. O laboratório funcionará como centro de referência, tendo recebido solicitações de vários laboratórios farmacêuticos interessados em produzir drogas genéricas, no País. Contato para outras informações técnicas devem ser feitos com o Dr. Werneck, pelos telefones (21) 99598959 e 285-1971.